

"Roda-Viva"

Rubem Braga

AFINAL fui ver a peça «Roda-Viva», de Chico Buarque de Holanda, mas, francamente, como eu a havia lido, tenho a impressão de que não vi a peça de Chico, apenas vi como é o que o diretor José Celso Martinez Correia preferia que a peça do Chico fôsse. Claro que todo espetáculo tem de ser assim, um autor através de um diretor e, naturalmente, de alguns artistas; e como Chico assistiu aos ensaios, é de esperar que ela esteja de acôrdo com a interpretação dada à sua obra; ou, pelo menos, não esteja contra.

Devo confessar que muita coisa me desagradou; a farsa foi «engrossada» pela *mise-en-scène*, pelo ballet agressivo e às vèzes fastidioso, apesar de sua violência, e pela mímica exagerada. O que se refere ao sexo foi apresentado de maneira um tanto grosseira, que não está no espírito da peça; parece ter havido preocupação de chocar, de mostrar que aquilo é teatro «pra frente», que não é coisa para ser vista por mocinha admiradora do Chico. Chico na verdade não fez a peça para agradar as mocinhas que suspiram por êle, nem para agradar a ninguém; ela é, de certo modo, um desabafo, uma vingança do jovem ídolo contra o ridículo e a servidão de ser ídolo. Mas o tom de Chico não é aquêle, que a pantomima torna desnecessariamente cafajuste; o diretor dirigiu demais seguindo seu próprio gôsto, mostrando suas negáveis qualidades, seus «achados», sua bossa de diretor; eu por mim preferiria um diretor que fôsse mais humilde perante o autor.

Acho também que algumas cenas ganhariam em ser abreviadas, e cada ato poderia perder vamos dizer quinze minutos com vantagem.

A peça de Chico me parece uma coisa séria, importante para êle como ponto de vista intelectual, e que tem valor como teatro e como atitude humana; é uma sátira interessante à fabricação de ídolos da televisão, ao comercialismo desenfreado que os índices do íbope orientam. Não perderia nada se fôsem cortados alguns palavrões, alguns trechos de pantomima ousada ou de mau-gôsto, como o estragalhamento daquele coração de boi, e a cena da cobrança dos 20 por-cento que o «anjo» pretende ter em tudo que é do ídolo, inclusive sua namorada.

O espetáculo merece ser visto, embora seja melhor não levar ao teatro pessoas que pela idade ou pela educação possam ficar chocadas. Recomendo ao leitor que não sente nas primeiras filas, porque de vez em quando os figurantes fazem brincadeiras com gente da platéia, que podem não agradar; compre sua poltrona da fila G para diante, ou melhor, para trás.

E termino com uma sugestão ao Chico: por que não montar a peça também em uma versão mais amena, mais tranqüila, em que haja menos grossuras e melhor valorização da parte musical?

DN 23. 1. 68